

## O momento da crítica literária

### Alckmar Luiz dos Santos\*

... qualquer pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro. Quereis mudar esta situação aflitiva? Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreados, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, – essas três chagas da crítica de hoje, – pondo em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, – é só assim que teremos uma grande literatura.

Machado de Assis, *O Ideal do Crítico*

*...operou-se um salutar movimento de reação e houve manifesto alargamento do nosso espírito literário e do nosso espírito em geral. Começou-se a compreender que a crítica tinha um papel distinto e uma função necessária na literatura e a abandonar os seus processos puramente retóricos por outros em que entravam novos elementos de consideração na apreciação das obras literárias, a história, a psicologia, a etnografia, a sociologia, a política, enfim quanto atuava os escritores e os podia explicar e às suas obras.*

José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*

Falar da importância da crítica literária pareceria repetição do óbvio. Mas temo que, nesse caso, se invertam os termos da fórmula segundo a qual *a verdade é a mentira muitas vezes repetida*. Como em muitos outros casos, em nossa cultura brasileira de deslocadas idéias, de soluções fáceis, de ruínas em construção, freqüentemente *a mentira é a verdade muitas vezes repetida*. Que quero dizer com isso? Que, de tanto ter sido repetida essa verdade luminar e direta, que é a reafirmação da importância da crítica para a literatura, ela começou a adquirir foros e aparências de mentira. Esse é, ao menos, o processo atual, ou mais recente, no que toca à vida intelectual brasileira e a maneira como ela tem se relacionado com a crítica literária.

Mas esse é o processo atual, ou mais recente. De fato, a preocupação em assinalar o devido lugar e o relevante papel da crítica foi expressa desde a época de Machado de Assis e de José Veríssimo, ambos pertencentes à geração que se seguiu à de Joaquim Norberto, de José de Alencar, entre outros, iniciadores de fato da crítica literária brasileira. E, de lá em diante, tornou-se verdade incontestada a importância da crítica para qualquer sistema literário. Tivemos gerações de críticos exercendo sua atividade sobretudo em jornais de larga circulação ou em revistas que atingiam diversos públicos leitores: Agripino Grieco esgrimindo suas polêmicas, Manuel Bandeira discutindo com extrema pertinência a autoria das *Cartas Chilenas*, Domingos Carvalho da Silva expondo suas pesquisas e idéias sobre a poesia brasileira mais antiga, Brito Broca traçando quadros sociológicos inestimáveis de nossos literatos, Cecília Meireles explorando a obra brasileira de Antônio Dinis da Cruz e Silva...

O que mudou, então, nos últimos anos, ou décadas, e que nos leva a falar de um rebaixamento do papel da crítica e da atuação do crítico? Infelizmente, essa crise não é exclusiva da crítica literária, mas de toda a vida intelectual brasileira, que não cresce em quantidade de intervenientes e ainda decai em sofisticação de argumentos. E esse rebaixamento de que me ocupo é ainda muito pior – e mais eficaz – quando não é feito explicitamente, ou seja, na crítica que fala da própria crítica ou no crítico que comenta outros críticos, mas na silenciosa restrição dos espaços destinados à publicação de crítica literária. Esta tem se restringido cada vez mais a revistas acadêmicas de circulação bastante limitada – que alguns citam e pouquíssimos lêem –, a congressos voltados a especialistas, a eventos destinados a públicos fechados, nas universidades. E a condenação à crítica vem se desdobrar, assim, em condenação às academias e a seu *especialismo* enigmático e fechado, como se elas fossem culpadas pela pouca circulação da crítica literária. A bem da verdade, seja dito que as universidades são, hoje, um dos últimos espaços em que ainda se dão condições de a crítica literária ser exercida.

Daí a extrema importância de eventos como o do Rumos Itaú Cultural Literatura 2007–2008. Se há certamente crise da crítica e do crítico literário, sobretudo nas três últimas décadas, também é verdade que é salutar e auspicioso que uma instituição de alcance nacional e não ligada ao meio universitário tome a iniciativa de premiar e, sobretudo, apoiar a atividade de críticos, leitores de obras literárias e também de outros críticos. Ao priorizar a produção e a crítica literária a partir dos anos 1980, o Itaú Cultural foca justamente o período de estabelecimento mais agudo dessa crise, período em que, paradoxalmente, se pode ver uma grande vitalidade na escrita literária. Mas essa vitalidade não está necessária nem inteiramente listada nos catálogos das editoras de circulação nacional. Nem nas listas de mais vendidos

das revistas noticiosas semanais. Consultando catálogos e listas, temos impressão de que nossos leitores dão mais importância à auto-ajuda de pipas afegãs do que a obras que nos façam ver nossas próprias condições culturais. Ora, a resposta dos muitos que se inscreveram no Rumos foi totalmente oposta a essa impressão. Nas propostas, vemos claramente desenhada essa vitalidade da produção literária e a potencialidade da crítica brasileira. Estavam presentes quase todos os temas mais relevantes em qualquer debate intelectual sério que se faça neste país: imigração, marginalidade, cultura popular e globalização, homoerotismo, internet, diálogos inter e transculturais, desvanecimento das fronteiras entre a literatura e outras artes (como cinema, história em quadrinhos etc.), culturas de massa, e assim por diante.

Infelizmente, fomos, eu e mais cinco colegas, obrigados a fazer um corte tremendo, elegendo 16 projetos, entre as centenas de inscritos. É claro que havia muito desnível entre eles, alguns com dificuldades óbvias de expressão escrita, outros com equívocos teóricos e críticos sérios, mas boa parte trazia sugestões pertinentes e interessantes, demonstrava domínio suficiente das ferramentas teóricas e, mais importante, trazia à baila autores e obras que não aparecem com destaque nos meios de comunicação, a despeito de sua qualidade. Creio termos logrado um bom equilíbrio na composição dos escolhidos: três dos projetos lidam com poesia, indo desde a leitura das influências de poetas canônicos até as interações multiartísticas em Marcelino Freire; há estudos que abordam escritores que estavam presentes em vários projetos: Caio Fernando Abreu, Hilda Hilst, Bernardo Carvalho, Milton Hatoum; a escrita e a leitura crítica na internet também foram contempladas entre os projetos selecionados; não foram esquecidas as relações entre a crítica e o mercado editorial; a literatura de e sobre imigração, tema recorrente, também foi incluída; outro tema relevante escolhido: as relações entre tradução e criação; e foram incluídos estudos sobre autores com propostas inovadoras de escrita, como Luiz Rufatto e Lourenço Mutarelli, ou a literatura marginal de Luiz Alberto Mendes.

Essa iniciativa do Itaú Cultural, apenas por si, não desata esse nó da crítica e da produção literária no Brasil. Mas, seguramente, coloca em alta voz a necessidade de nos ocuparmos delas, de forma abrangente, rompendo as áreas especialistas e os âmbitos fechados e restritos em que elas vêm se movendo. Bons auspícios!

**\* Alckmar Luiz dos Santos** é graduado em engenharia elétrica, mestre em teoria e história literária e doutor em estudos literários. Professor de literatura brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atua principalmente com teoria do texto, literatura e filosofia, hipertexto e texto digital. É também poeta, romancista e ensaísta.